

O projeto semiológico

José Luiz Fiorin

O lugar que a Semiologia ocupa no pensamento de Ferdinand de Saussure é mais importante do que deixam entrever as citações sobre o tema no *Curso de linguística geral*. Para comprovar isso, basta contrastar as referências a esse domínio do conhecimento que nele aparecem (Saussure, 1969: 23-5, 82, 91-2, 104, 124, 140) com as menções a ele que ocorrem seja nos escritos de Saussure (cf., por exemplo, Saussure, 2002), seja em anotações dos que seguiram seus cursos (cf., especialmente, Saussure, 1997). Atualmente, uma tendência dominante nos estudos saussurianos é fazer uma radical crítica à redação do *Curso*, mostrando, a partir dos manuscritos de Saussure, a simplificação que suas ideias sofreram da parte dos redatores. No entanto, é preciso levar em conta que, por mais interessante que seja mostrar todas as sutilezas do pensamento do mestre genebrino, foi o *Curso*, da maneira como foi redigido e publicado em 1916, que teve o papel de discurso fundador da Linguística moderna. Foram as referências feitas no *Curso* à Semiologia que fizeram de Saussure o precursor dessa ciência.

O primeiro gesto de Saussure, no *Curso*, foi definir o objeto teórico da Linguística. A linguagem é capacidade que os homens têm de comunicar-se com seus semelhantes por meio de signos (Saussure, 1969: 18). No entanto, esse é o objeto empírico da linguística. Não pode ser seu objeto teórico, porque, “tomada no seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (Saussure, 1969: 17). O objeto teórico é diferente do objeto empírico. Aquele é estabelecido a partir de um objeto observacional, que é a “região” do objeto empírico que será objeto de estudo. Sendo ele delimitado, estabelecem-se entidades básicas, a partir

das quais serão atribuídas propriedades aos fenômenos pertencentes ao campo de análise e serão determinadas relações entre eles. O objeto observacional converte-se, então, em objeto teórico. O objeto observacional recortado por Saussure é a *langue*. É partir desse objeto que todos os outros conceitos desenvolvidos pelo mestre genebrino ganham sentido.

A língua é um elemento homogêneo dentro da heterogeneidade dos fatos linguísticos: é a parte social da linguagem; é exterior ao indivíduo, que não pode criá-la nem modificá-la; existe por uma espécie de contrato estabelecido pelos membros de uma dada comunidade; exige do indivíduo aprendizagem específica; é distinta da fala, pois alguém, por alguma razão, privado da fala, não a perde (Saussure, 1969: 22-3). Com o conceito de língua, estabelece-se a primazia do sistema sobre a variabilidade infinita dos atos de linguagem, a precedência da virtualidade sobre a realização. Muitos pontos de vista são legítimos no estudo da linguagem. O objeto língua é fruto de uma decisão epistemológica, ou seja, é um objeto criado a partir de uma perspectiva: “é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1969: 15).

Com o conceito de valor, Saussure transforma esse objeto observacional em objeto teórico, mostrando que a língua é uma forma, e não uma substância (Saussure, 1969: 141). Assim, as entidades básicas que serão estudadas serão as relações, pois “na língua só há diferenças” (Saussure, 1969: 139), ou seja, “o mecanismo linguístico gira em torno de identidades e diferenças” (Saussure, 1969: 126). Segundo o mestre genebrino, “a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceptuais e diferenças fônicas resultantes desse sistema” (Saussure, 1969: 139). Isso quer dizer que a definição de qualquer entidade linguística é diferencial, é negativa, e não positiva. Cada elemento linguístico ganha seu valor na relação com outros: por exemplo, que é que significa *a* em romeno? Se estiver em oposição a *un*, *-l*, *le*, colocado no final de um nome, é artigo definido feminino singular (*bătrîna*, *un bătrîn*, *bătrînul*, *bătrînele*); se estiver em oposição a \emptyset , antes de uma forma curta do verbo, é marca de infinitivo (*a iubi*); se vier depois do radical verbal em oposição a *ea*, *e*, *i*, *î*, é morfema de primeira conjugação (*cînta*; *cădea*; *hate*, *fugi*, *coborî*); se se opuser a *am*, *ai*, *aî*, *au* e seu lugar for antes de um participio, é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo auxiliar *a avea* (*am citit*, *a citit*). Os elementos são definidos pela função no interior do sistema. Por isso, a língua é forma (conjunto de relações), e não substância (sons ou conceitos). A substância é puramente acidental. Por isso, o mesmo conjunto fônico (de acordo com o senso comum, a mesma palavra) são unidades diversas em duas

línguas distintas, pois têm valores diversos: *birra* e *fede* significam “cerveja” e “fé”, respectivamente, em italiano e “teimosia” e “cheira mal” em português; *fiel* quer dizer “fel” em francês e “leal” em português.

Depois de definir o objeto teórico da Linguística, Saussure vai mostrar que a língua é classificável entre os fatos humanos, enquanto a linguagem não o é (Saussure, 1969: 23). Isso porque a língua é uma instituição social, que se distingue de outras instituições sociais, como as políticas e as jurídicas (Saussure, 1969: 24). Para compreender sua peculiaridade, Saussure vai estabelecer uma nova ordem de fatos. Diz que a língua é “um sistema de signos que exprimem ideias” (Saussure, 1969: 24). Nesse sentido, ela é comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc. “Ela é apenas o principal desses sistemas.” (Saussure, 1969: 24)

Se há uma série de sistemas de signos, que funcionam como a língua, será preciso criar uma ciência geral desses sistemas, que será denominada *Semiologia*. A Linguística fará parte dela, que, por sua vez, será parte da Psicologia Social, que, por seu turno, pertencerá à Psicologia Geral (Saussure, 1969: 24). O *Curso* diz textualmente:

pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia Social e, por conseguinte, da Psicologia Geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *semeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda; não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (Saussure, 1969: 24)

Para compreender a natureza da língua, é necessário verificar o que ela tem em comum com outros sistemas da mesma ordem, o que significa que certas características, como o funcionamento do aparelho vocal, que nos parecem muito importantes, na verdade, são secundárias (Saussure, 1969: 25).

Nesse estudo dos sistemas de signos, é preciso levar em conta as postulações teóricas de Saussure a respeito do signo. Três aspectos são relevantes.

O primeiro é que signo linguístico tem dupla face. Saussure diz que um signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica (Saussure, 1969: 80). Dessa forma, ele afasta-se de uma tradição que considerava (e até hoje considera) o signo a união de uma forma a um sentido, pois, como

vai mostrar, as “formas” não independem de seu significado. Ademais, vai dar um novo sentido ao termo *forma*. Quando ele fala em imagem acústica não está referindo-se à materialidade física dos sons, mas às representações psíquicas desses sons que estão associadas a conceitos (Saussure, 1969: 80).

O pensamento não pode ser dissociado do sistema de nossa língua (Saussure, 1969: 130-2). A língua não é uma nomenclatura, pois é uma forma de categorizar a experiência exterior e interior (Saussure, 1969: 136). Assim, os signos não são “coisas” que representam um referente preexistente numa relação de um para um. São eles que dão sentido à realidade fenomenológica. Não há pensamento fora dos sistemas de signos que utilizamos.

O significante e o significado estão intimamente unidos como o verso e o averso de uma folha de papel (Saussure, 1969: 131). Não se pode ter um significado sem o significante correspondente e vice-versa. Esse primeiro postulado significa que, num projeto semiológico, todo significado tem que estar ancorado na materialidade da linguagem.

O segundo aspecto a ser levado em conta é a arbitrariedade do signo linguístico. Este é um postulado central da teoria saussuriana: o laço que une o significante ao significado é arbitrário. O conceito de “chuva” não está ligado, por nenhuma relação necessária, à sequência de sons /juva/, que o veicula. Nada há no significado de chuva que lembre os sons que o manifestam. Esse significado poderia ser sensorialmente concretizado por qualquer outra sequência, como demonstram os termos “equivalentes” de outras línguas, como o inglês *to rain*, o francês *pleuvoir*, o italiano *piovere*, o espanhol *llover* e o romeno *a plouă* (Saussure, 1969: 81-2).

O principal objetivo da Semiologia é o estudo do “conjunto dos sistemas baseados na arbitrariedade do signo” (Saussure, 1969: 82). Os meios de expressão usados numa sociedade fundam-se num hábito coletivo, numa convenção. Curvar o corpo em sinal de respeito tem evidentemente certa expressividade natural. No entanto, não é ela que importa, pois as regras convencionais do uso desse gesto (quando, onde, como e para quem o empregar) é que determinam seu valor, e não um liame “natural” entre o significado e o significante (Saussure, 1969: 82).

A consequência da arbitrariedade é que não há correspondência absoluta entre os signos de línguas diferentes (Saussure, 1969: 82). Por exemplo, o termo inglês *skin* é traduzido por, pelo menos, três palavras em português: *pele*, *casca* e *couro*. Em inglês, o significado de *skin* contém os traços semânticos /cobertura/ e /exterioridade/. Assim, *skin* é a pele do ser humano, é o couro da vaca, é a casca da banana e é até a nata do leite. A relação complica-se, pois, *pele*, em português,

tem os traços /cobertura de animal ou frutas e legumes/, /maciez/, /flexibilidade/, /sedosidade/. Assim, tira-se a pele do tomate, mas não a pele da pera. Por outro lado, chama-se *pele* em português tanto a camada externa que cobre o corpo de um animal, quanto o couro separado do corpo, especialmente de animais de pelo sedoso e abundante, usado como agasalho ou guarnição de vestuário, o que em inglês é *fur*. A diferença entre /removido/ vs. /não removido/ existe na oposição entre *leather* e *skin*, enquanto em português chamamos *couro* tanto “o tecido epitelial, espesso e resistente, de certos animais” quanto “esse tecido já curtido e utilizado como matéria-prima para diversos setores, como confecção de roupa, calçados, etc.”

A arbitrariedade, alerta Saussure, não é a livre-escolha do signo pelo falante, pois o indivíduo não pode alterar nada no signo, já que ele é imposto pelo sistema da língua (Saussure, 1969: 83). Arbitrário significa imotivado (Saussure, 1969: 83). A língua é um fato social, porque o signo é arbitrário, o que quer dizer que seus valores residem no uso e consenso geral de uma comunidade (Saussure, 1969: 132).

A arbitrariedade não é um conceito em que dois polos se contrapõem. É antes uma noção que apresenta certa continuidade, pois, como mostra Saussure, há signos radicalmente arbitrários e signos relativamente motivados (Saussure, 1969: 153). O prefixo *in* é arbitrário, o termo *feliz* também. No entanto, *infeliz*, *infinito*, *indisposto*, *independente*, *ineficiente* são relativamente motivados, pois todos eles indicam a negação de determinada qualidade. A relativa motivação introduz um princípio de regularidade e de ordem no sistema. Nela, um princípio de analogia restringe a arbitrariedade, o que significa estabelecer uma organização. É pela limitação da arbitrariedade que se diz *interview* em lugar de *interveio*. A gramática é resultado dessa relativa motivação. As línguas oscilam entre um mínimo de organização e um mínimo de arbitrariedade. As que têm maior regularidade são chamadas *gramaticais*, como o grego, por exemplo, enquanto as que têm maior arbitrariedade são denominadas lexicológicas, como o inglês, por exemplo (Saussure, 1969: 152-5).

Com seu conceito de arbitrariedade do signo, Saussure contrapôs-se a uma concepção corrente na história das ideias linguística de que *nomina sunt consequentia rerum*.¹ Ao mostrar que não há relação entre o significante e o significado, ele desnaturalizou a linguagem, deixando claro que a ordem da língua é diferente da ordem do mundo, pois ela é uma instituição social.

O princípio da arbitrariedade é muito importante no estabelecimento de uma semiologia, pois permite postular a unicidade do sentido independentemente de

sua manifestação. Assim, o sentido pode ser estudado da mesma maneira em todas as linguagens.

O terceiro aspecto importante é a noção de valor. Como se disse anteriormente, o senso comum imagina que a língua seja uma nomenclatura, em que cada item está relacionado com um significado. No entanto, quando comparamos uma língua com outra, percebemos que essa correspondência de um para um não existe. O que em inglês é denominado *shell* é expresso por, pelo menos, três palavras em português: *casca*, *concha* e *casco*. *Shell* tem os traços semânticos /cobertura/ e /dura/. Assim, *shell* é a casca do ovo, a concha dos moluscos, o casco da tartaruga. A relação é mais complicada, porque podemos também falar em casca de moluscos, principalmente, quando descrevemos seu preparo como alimento. Em português, *casca* é um termo mais geral, pois tem os traços /cobertura/ e /mais ou menos rígida/. Serve para ostras, pão (em inglês a casca do pão é *crust*), ovo, ferida (em inglês, a casca da ferida é *scab*), etc. *Casco* e *concha* são mais especializados. O primeiro tem os semas /cobertura/, /óssea/, /para animais ou partes de animais/; o segundo apresenta os traços /cobertura/, /calcário/, /para invertebrados/. Os elementos linguísticos não são independentes dos demais. Ao contrário, cada um deles tem um valor dado por sua relação com os outros. Por exemplo, *a* só é marca da primeira conjugação, em português, em oposição a *e* e *i* e em relação com um radical verbal; é preposição, quando se opõe a *em*, *de*, etc. e está relacionada a dois termos lexicais que une (verbo e substantivo; substantivo e substantivo), como *vou ao cinema*; *amor a Deus*. Dessa forma, a identidade de um elemento confunde-se com o seu valor (Saussure, 1969: 128). Os termos são resultado de relações.

A realidade da língua, suas entidades concretas, não são sons nem conceitos, mas valores (Saussure, 1969: 128). O valor de um signo provém da diferença com outros signos, o que significa que na língua não há elementos positivos, apenas negativos. “Na língua só há diferenças” (Saussure, 1969: 139), o que implica que a forma pressupõe pelo menos dois termos. No jogo de xadrez, que pode ser comparado a uma língua, é irrelevante a matéria de que as peças são feitas, seu formato, sua cor, bem como o fato de que elas representam a organização social de uma dada época e as mudanças que elas sofreram ao longo do tempo. O que é relevante é o valor de cada tipo de peça, determinado pela oposição a todas as outras no que concerne aos movimentos possíveis e à função dentro do jogo (Saussure, 1969: 128).

Cada língua tem um sistema particular de valores, o que significa que a Linguística, apesar de Saussure considerá-la parte da Psicologia Social, aproxima-se da Antropologia, em seu estudo das singularidades de cada idioma.

A concepção de valor indica que uma teoria semiológica deve fundamentar-se no estudo das diferenças que criam significados e significantes. Dessa forma, ela aproxima-se de uma descrição da cultura. Se o significado, como foi dito antes, apresenta uma unicidade, independentemente das formas de manifestação, os valores que geram os significantes variam de linguagem para linguagem: numa linguagem verbal, são diferenças fônicas, enquanto numa linguagem visual, são distinções cromáticas, eidéticas ou topológicas. No entanto, é preciso levar em conta a solidariedade entre expressão e conteúdo, o que significa que o significante só existe porque tem significação. A forma, mesmo da expressão, só é uma invariante diferencial porque produz diferenças de significado (por exemplo, o inglês distingue um *r retroflexo* de um *r aspirado* em início de sílaba: *rope* significa “corda”; *hope* quer dizer “esperança”). A “materialidade” da linguagem só ganha esse estatuto porque tem significação. Por outro lado, o elemento inteligível da linguagem só tem existência, porque é veiculado por um componente sensível. As bandeiras que são utilizadas, no sistema de sinais marítimos, não passam de uma série de pedaços de tecido de várias formas e cores enquanto não constituírem um sistema, fundado numa convenção, em que cada pedaço de tecido de determinada cor e forma adquire valor em oposição a outros.

Saussure termina o *Curso* com uma frase, que, para ele, encerra a ideia fundamental de seus ensinamentos: “A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 1969: 271). Essa frase valeu a Saussure toda sorte de acusações, desde a de que esvaziou a linguagem de sua dimensão histórica até – um tanto mais espantosa – a de que erigiu um projeto de ciência burguês como uma barragem contra o marxismo (Sartre In: Coelho, 1967: 126). No entanto, ao definir a *Semiologia* como um projeto futuro de ciência, diz que ela será “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (Saussure, 1969: 24). Isso significa que, para Saussure, haveria duas dimensões no estudo da Semiologia: a do sistema e a do processo. A vida dos signos pressuporia o sistema responsável pelo sentido e sua circulação na sociedade (nesse caso, tratar-se-ia da realização linguística inserida na comunicação social).

Hjelmslev, em continuação a Saussure, em determinado ponto de seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, vai mostrar que o objeto de uma teoria da linguagem não é somente uma língua natural, mas as diferentes semióticas, ou seja, aquelas estruturas análogas à das línguas naturais (Hjelmslev, 1975: 109-10).

A distinção entre uma semiótica e uma não semiótica reside no fato de que uma semiótica deve operar com dois planos, isto é, um plano de conteúdo e um plano da expressão. Um conjunto signifiante opera com dois planos, quando

eles não têm a mesma estrutura com uma relação unívoca entre os fúntivos de um plano e os de outro plano. Hjelmslev vai dizer que, nas semióticas, os dois planos não devem ser conformes um ao outro. Dois fúntivos são conformes se não importa qual derivado particular de um dos fúntivos contrai exclusivamente as mesmas funções que um derivado particular do outro fúntivo e vice-versa. A partir daí, institui-se a seguinte regra: dois componentes de uma mesma classe que se está tentando estabelecer devem ser reduzidos a um só se forem conformes e não comutáveis. A prova do derivado e a prova do comutável decidem se um conjunto significativo é ou não uma semiótica. Uma língua é uma semiótica, porque os fúntivos do plano da expressão não têm uma relação unívoca com o plano do conteúdo: por exemplo, os elementos da expressão /oclusivo/ e /constritivo/ não têm qualquer relação necessária e, portanto, unívoca com nenhum elemento do plano do conteúdo. É isso que permite que eles façam parte de diferentes unidades da expressão. O traço /oclusivo/ entra em /p/, /b/, etc. Por outro lado, como não há relação unívoca entre um elemento da expressão e do conteúdo, eles podem ser comutados: por exemplo, *bala* e *sala*. Portanto, esses elementos da expressão e do conteúdo não podem ser reduzidos, na prova do derivado, a um único. Na língua, os elementos de expressão e de conteúdo permitem uma análise em figuras de um e outro plano, que não têm correspondência unívoca. A língua é, pois, um sistema em que os dois planos não são conformes. Já num jogo como o de xadrez, o elemento de expressão *rei* tem uma relação necessária e, portanto, unívoca, com o conteúdo que se poderia traduzir como o papel da peça no jogo. Portanto, na prova do derivado, o elemento da expressão e o elemento do conteúdo podem ser reduzidos a elementos de uma mesma classe. Isso significa que não se pode fazer a comutação, dado que a um mesmo conteúdo corresponde sempre uma mesma expressão. Isso significa que, no jogo de xadrez, o plano de conteúdo e o plano da expressão são conformes. Portanto, ele não é uma semiótica, uma vez que não opera com dois planos (Hjelmslev, 1975: 117-8).

Hjelmslev vai chamar sistemas de símbolos essas estruturas que são interpretáveis, porque se pode atribuir a elas um sentido, uma substância de conteúdo, mas são monoplanares, dado que não é possível atribuir a elas uma forma de conteúdo, já que expressão e conteúdo são reduzidos a uma só classe. Sistemas semióticos são estruturas biplanares, pois operam com dois planos, uma vez que expressão e conteúdo não são conformes. Os símbolos não admitem uma análise em figuras suscetíveis de compor outros símbolos. Essa análise ulterior em figuras é a característica central dos signos (Hjelmslev, 1975: 118-9). Foice e martelo são o símbolo do comunismo. Pode-se até dizer que a foice representa o campesina-

to e o martelo, o proletariado. No entanto, a foice só entra com esse sentido na composição desse símbolo e de nenhum outro. O traço do conteúdo /selvagem/ que aparece em *lobo* entra na composição do conteúdo de *onça, tigre, leão, etc.*

No entanto, pelo que se disse até agora, parece que o objeto da teoria da linguagem são as semióticas denotativas, que são semióticas em que nenhum dos planos é uma semiótica, ou seja, semióticas que operam com um plano de expressão e um plano do conteúdo. No entanto, há semióticas cujo plano de expressão é uma semiótica e semióticas cujo plano de conteúdo é uma semiótica. As primeiras são chamadas semióticas conotativas e as segundas, metassemióticas (Hjelmslev, 1975: 121).

Uma semiótica conotativa: é “uma semiótica que não é uma língua e cujo plano de expressão é constituído pelos planos de conteúdo e de expressão de uma semiótica denotativa” (Hjelmslev, 1975: 125).

Ademais, Hjelmslev vai distinguir as semióticas em duas classes: as científicas e as não científicas. As primeiras são uma operação, ou seja, uma descrição segundo os princípios do empirismo; as segundas não são uma operação, ou seja, são sistemas que operam com dois planos não conformes. A semiótica conotativa é uma semiótica não científica, em que um (ou vários) plano é uma semiótica. A metassemiótica é uma semiótica científica em que um (ou vários) plano é uma semiótica. É possível prever uma semiótica científica que trata de uma metassemiótica. Nesse caso, teremos uma metassemiótica científica, cuja semiótica-objeto é uma metassemiótica. Para seguir a terminologia de Saussure, Hjelmslev vai chamar *semiologia* uma metassemiótica cuja semiótica-objeto é uma semiótica não científica e *metassemiologia*, uma metassemiótica científica cujas semióticas-objeto são semiologias (Hjelmslev, 1975: 126). A metassemiologia das semióticas denotativas, graças à mudança de ponto de vista que implica a passagem de uma semiótica-objeto para uma metassemiótica, vai, na prática, descrever a substância da expressão e do conteúdo. A metassemiótica das semióticas conotativas vai analisar, formalmente, os elementos da Linguística sociológica ou do que Saussure chamou Linguística externa (Hjelmslev, 1975: 129-30).

Na França, nos anos 1960 e 1970, houve uma explosão de textos que procuravam fazer uma descrição de domínios da cultura, considerados como um sistema de signos. Escrevia-se sobre a arquitetura, os quadrinhos, o cinema, a publicidade, a moda, etc. Só a título de exemplo, podem-se citar Metz com seus estudos sobre o cinema (1968) e Passeron com suas análises da pintura (1969).

No domínio francófono, há dois projetos distintos, baseados nos princípios saussurianos e hjelmslevianos, de construção de uma Semiologia, que Mounin

vai, com base em Buysens (1967) e Prieto (1968), denominar *Semiologia da comunicação* e *Semiologia da significação* (Mounin, 1970: 11-5).

No primeiro projeto, a Semiologia é a “ciência geral de todos os sistemas de comunicação” (Mounin, 1970: 7). Ela deveria ocupar-se dos sistemas de signos expressamente construídos para comunicar, o que significa que ela só analisa o que tem uma clara intenção comunicativa. Por isso, estuda somente a comunicação que se funda em códigos bem identificados, que demandam uma explícita aprendizagem. Por essa razão, o que ela produziu foi um conjunto de estudos sobre sistemas de signos de caráter restrito, denotativo e referencial. Assim, por exemplo, foram analisados os códigos dos sinais de trânsito (Mounin, 1970: 155-68), da heráldica (Mounin, 1970: 103-15), dos sistemas de escrita (Mounin, 1970: 137-43), dos símbolos matemáticos (Mounin, 1970: 144-8), dos símbolos químicos (Mounin, 1970: 149-54).

Nessa primeira tendência de construção de uma Semiologia, o conceito de comunicação confunde-se com o de transmissão de informação. Ora, diz Greimas, “a teoria da comunicação deve ser posta sob a égide da significação e não da informação” (Greimas, 1976: 59). Considerá-la apenas informação é reduzi-la, deixando de lado os fenômenos mais interessantes. Ademais, como diz Greimas, se o conceito de valor é que determina a estruturação do sistema, “a língua não é um sistema de signos, mas uma reunião – cuja economia deve ser precisada – de estruturas de significação” (Greimas, 1973: 30).

O segundo projeto é o de uma Semiologia da significação. Ele caracteriza-se por duas ultrapassagens: a) a da Semântica, na medida em que não se ocupa apenas de significações lexicais ou de frases, mas se ocupa dos fenômenos de significação da totalidade discursiva, o que implica tratar do processo e não só do sistema; b) a das línguas naturais, na medida em que vê a significação como um objeto comum às diferentes linguagens. No entanto, esse projeto de uma Semiologia da significação cindiu-se ao longo do tempo: ficou com o nome de Semiologia a tendência encarnada por Barthes; chamou-se Semiótica a corrente personificada em Greimas.

A Semiologia barthesiana é uma Semiologia da conotação, pois o que ele faz, a partir das *Mythologies* (1957), é ler as conotações sociais difundidas principalmente pelos meios de comunicação de massa. Em *Elementos de semiologia* (1975), ele mostra que o estudo da conotação tem importância fundamental na descrição da cultura, pois ele é uma teoria das ideologias, já que “a ideologia seria, em suma, a forma (no sentido hjelmsleviano) dos significados de conotação, enquanto a retórica seria a forma dos conotadores” (Barthes, 1975: 97).

O que levou à cisão entre a Semiologia e a Semiótica foi a posição que cada uma dessas teorias adotou em relação ao lugar da Linguística na Semiologia. Greimas manteve-se fiel a Saussure: para ele, a Linguística é parte da Semiologia. Barthes, no entanto, adota outra posição: “a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística, mais precisamente, a parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes do discurso*” (Barthes, 1975: 13). Quando estuda a moda, ele o faz pela mediação da “moda escrita” (Barthes, 1979: XIX-XXII). Essa posição tem uma importância teórica crucial, pois a Semiologia se vale de conceitos da Linguística, como o que fez Barthes em seus *Elementos de semiologia*, e não desenvolve um aparato teórico e metodológico para estudar as “grandes unidades significantes do discurso” nem para estudar os diferentes planos de expressão que veiculam os sentidos. Poder-se-ia dizer que Barthes sempre fez análises muito finas, como, por exemplo, as da fotografia (Barthes, 1980). No entanto, é preciso esclarecer que essa finura na análise deve-se mais à genialidade do analista do que a um conjunto de conceitos rigorosos para a análise.

A Semiótica também opera uma mudança em relação à posição saussuriana: seu objeto é, como dizia, Coquet, “explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (Coquet, 1984: 21). Não se trata mais dos signos, mas da significação, ou seja, das relações diferenciais subjacentes que produzem o discurso. Vai estudar as estruturas, que são sempre relacionais, semânticas e sintáticas hierárquicas que produzem os sentidos dos universos discursivos.

Greimas mostra que o discurso é tanto da ordem do sistema quanto da do acontecimento e, “como tal, submetido à história” (Greimas, 1973: 52-3). O sistema é constituído de invariantes, ou seja, generalizações semânticas feitas por uma dada cultura, tidas por universais. Essas generalizações são concretizadas variavelmente no processo discursivo, que é da ordem do acontecimento. É a enunciação que convoca ou subverte as estruturas do sistema (Greimas e Fontanille, 1993: 69-70). É preciso que fique claro que variante e invariante não são conceitos absolutos, mas relacionais. Assim, *vida vs. morte* são “universais” responsáveis por distintos discursos em nossa sociedade. Em *Morte e vida Severina*, de João Cabral, a vida, no quadro de um raciocínio concessivo, é o termo eufórico: – Severino retirante,/ deixe agora que lhe diga:/ eu não sei bem a resposta/ da pergunta que fazia,/ se não vale mais saltar/ fora da ponte e da vida;/ nem conheço essa resposta,/ se quer mesmo que lhe diga/ é difícil defender,/ só com palavras, a vida,/ ainda mais quando ela é/ esta que vê, severina;/ mas se responder não pude/ à pergunta que

fazia,/ ela, a vida, a respondeu/ com sua presença viva./ E não há melhor resposta/
que o espetáculo da vida:/ vê-la desfilar seu fio,/ que também se chama vida,/ ver
a fábrica que ela mesma,/ teimosamente, se fabrica,/ vê-la brotar como há pouco/
em nova vida explodida;/ mesmo quando é assim pequena/ a explosão, como a
ocorrida;/ mesmo quando é uma explosão/ como a de há pouco, franzina;/ mesmo
quando é a explosão/ de uma vida severina (Melo Neto, 1994: 201-2).

Na teologia católica da salvação, a morte concretiza-se, num raciocínio im-
plicativo, como um termo não disfórico, pois ela é a passagem para a verdadeira
vida. É o que diz um trecho do prefácio 1 dos defuntos, do Missal Romano: Senhor,
para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o
nosso corpo mortal, nos é dado nos céus, um corpo imperecível. Vieira, também
com uma argumentação implicativa, considera, na sétima parte do Sermão da
Quarta-feira de Cinzas, para ser pregado na Capela Real, que a morte é eufórica:

E como por meio desta perpétua paz cessa a guerra da carne contra o espírito,
e cessam as vitórias do pecado e perigos da graça, esta natural impecabilidade
da morte é a mais cabal razão de ser a morte o maior bem da vida, porque,
sendo o maior mal da vida o pecado, e estando a mesma vida sempre sujeita
e arriscada a pecar, só a morte a livra e segura deste maior de todos os males.

Bremond, ao mostrar como se dá o trabalho científico, diz que “Darwin só
se torna possível depois de Lineu” (Bremond, 1964: 5). Da mesma forma, Barthes
e Greimas só puderam realizar a grande aventura semiológica do século passado
depois do *Curso* de Saussure.

Nota

¹ Essa frase é citada por Dante no 4º parágrafo do capítulo XIII do *Vita nuova*, para mostrar que o nome
corresponde à “coisa”: O outro era este: o nome de Amor é tão doce de ouvir que me parece impossível que
a sua ação não seja também doce, se é fato que os nomes resultam das coisas nomeadas, como está escrito:
“*Nomina sunt consequentia rerum*” (Os nomes são resultados das coisas). Essa expressão tem origem num passo
das Instituições do Imperador Justiniano: *consequentia nomina rebus studentes* (Os nomes são congruentes
com as coisas a que se aplicam) (II, 7, 3 In: Tosi, 1996: 42).

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *Vita nuova*. 3. ed. Milão: Biblioteca Universale Rizzoli, 1994.
BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957.

- _____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *Sistema da moda*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1979.
- _____. *La chambre claire: note sur la photographie*. Paris: Gallimard/Seuil, 1980.
- BREMOND, Claude. Le message narratif. *Communications*. Paris: Seuil, 1964, n. 4, pp. 4-32.
- BUYSSENS, Eric. *La communication et l'articulation linguistique*. Paris: Presses Universitaires de France/Bruxelas: Presses Universitaires de Bruxelles, 1967.
- COELHO, Eduardo Prado (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalia, 1967.
- COQUET, Jean-Claude. *Le discours et son sujet*. Paris: Klincksieck, 1984.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973.
- _____. *Sémiotique et sciences sociales*. Paris: Seuil, 1976.
- _____; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MILLO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.
- METZ, Christian. *Essais sur la signification au cinéma*. Paris: Klincksieck, 1968.
- MOUNIN, Georges. *Introduction à la sémiologie*. Paris: Les Editions de Minuit, 1970.
- PASSERON, René. *Clefs pour la peinture*. Paris: Seghers, 1969.
- PRIETO, Luis J. La Sémiologie. In: MARTINET, André (ed.). *Le langage. Encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 1968.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.
- _____. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois = Saussure's second course of lectures on general linguistics (1908-1909): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois*. Texto editado e transcrito por Eisuke Komatsu e George Wolf. Nova Iorque: Pergamon, 1997.
- _____. *Écrits de linguistique générale*. Texto estabelecido e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.